

CHARLEN BECKER



# O DEFUNTO NU

de

Uarlen Becker

# O DEFUNTO NU

Contos

1ª EDIÇÃO

de

**Copyright © 2018 by Uarlen Becker**

**Projeto gráfico e edição Uarlen Becker**

**Para o Selo Odé**

Becker, Uarlen.

O defunto nu/Uarlen Becker. – Salvador: Selo Odé, 2018

25 p.

- |    |                                |        |
|----|--------------------------------|--------|
| 1. | Literatura brasileira - Contos | 869.1  |
| 2. | Ficção e Contos brasileiros    | B869.3 |

**2018**

**Todos os direitos reservados**

**[www.uarlenbecker.com.br](http://www.uarlenbecker.com.br)**

**[becker.uarlen@gmail.com](mailto:becker.uarlen@gmail.com)**

***“É a vida, é a vida...”***

## O DEFUNTO NU

Acontece que naquele dia fazia um frio danado debaixo do sol muito quente. Sol muito quente era uma expressão que Rosildo odiava, pois ele sempre se lembrava de uma sua professora amarga que suava muito e cheirava a talco e lhe causava náuseas; mas não era pelo suor e pelo cheiro, o que ele achava excitante, mas porque era professora de matemática e Rosildo era considerado um grandessíssimo burro nessa matéria. Então a professora dava bolo nas mãos de Rosildo quando ele errava no fim do dia, quando ela tomava a lição na tabuada ou quando era redundante. Rosildo sentia muita dor com as pancadas na palma das mãos, mas não chorava. Era duro.

Acalanto não prestava atenção em nada do que Rosildo falava porque seu único pensamento era: como é que você foi morrer agora seu filho da puta? A pessoa que faleceu era um integrante da companhia de teatro de rua e atendia pelo nome de Eduardo; não é que Eduardo morrera assim de repente? Como se para morrer bastasse agendar um dia e hora! Eles teriam de avisar a Geraldine da morte do amigo. Geraldine era o personagem primeiro de Geraldo Vandrê, nome de batismo religioso; o batismo verdadeiro, para eles, era o artístico, porque no céu ninguém precisa de artista, já que no céu não tem tristeza e agonia. Então não se precisa de artista. Eu não acho nem uma coisa nem outra, prefiro não achar nada.

Então a coisa toda era: Rosildo, Acalanto e Geraldine no enterro de Eduardo, que morrera assim tão de repente, como se vindo de repente a morte não fosse morte. Mas Eduardo não morrera do nada, estava doente fazia tempo, mas isso era segredo e apenas Eduardo sabia mas fingia não saber. Era a negação daquilo que evitamos mas que é inevitável e é a sorte última de cada um de nós. Acalanto e Rosildo sabiam que Geraldine poderia morrer quando soubesse. Não de repente, mas por causa da nova funesta. Acalanto teve até um pesadelo assim: dando a notícia a Eduardo, que põe a mão no coração ou na testa – os sonhos e pesadelos são sempre nebulosos e fragmentados -, escorregando por entre os móveis, derrubando tudo que encontrava pela frente, levando cerca de meia hora pra morrer, imaginem que coisa fantástica! Em seguida caía na piscina e morria afogado, porque quando vê tragédia Acalanto fica paralisado e nesse caso não teria como acudir o pobre amigo morrendo afogado na piscina. Piscina? Na casa de Eduardo não tem piscina, mormente uma bacia plástica que ele guarda água no caso de uma necessidade, quando a mesma faltar. Como surgiu essa piscina no pesadelo? Os sonhos e pesadelos são assim, doidos!

O que ocorre?

Ocorre que o féretro já estava para sair e somente a irmã de Eduardo e uma sobrinha velavam o corpo. A irmã era uma ex namorada de Acalanto, metida, nariz em pé porque estudou e tornara-se dentista; por isso e apenas por isso passou a miraculosamente tomar refrigerante de guaraná e arrotar champanha francesa. A sobrinha era uma moça muito, muito religiosa e a quem tudo no mundo escandalizava. Eu não sei precisar o grau do escândalo que seria quando os três aparecessem vestidos de mulher no velório de Eduardo, que entre eles era conhecido como Duda Fura Bolo; é que o artista era um contumaz comedor de cu de macho. Das mulheres gostava dos seios e das bocas pintadas, mas dos homens - sua preferência - amava os cus. Não importando se

branco, preto ou mulato. Certa vez bradara que nunca comera um indígena por falta de oportunidade. Era assim escandalosamente constrangedor e agressivo. Dessas almas inquietas e assombradas. Isso tudo que digo é parafraseando o próprio, pois tenho eu mesmo rubor de falar essas coisas.

Mas vamos ao caso: estavam na praia, vento e sol forte; estavam com uma ressaca infeliz. Acalanto sentia um gosto amargo na boca, passaram a noite inteira chorando e bebendo em memória do amigo morto. Tinham acabado de apresentar um espetáculo: "A noiva desenxabida", onde Eduardo fazia a noiva, Rosildo o padre e Acalanto a madrinha invejosa apaixonada pelo noivo e pelo padre. A madrinha fazia de tudo para que o enlace não se realizasse e no final era levada para o inferno pelo próprio Diabo cristão. Naquela representação Rosildo fizera a noiva e Acalanto a madrinha invejosa, alternando-se nos demais papéis numa atrapalhão sem fim, reviravoltas cabulosas, trocas insanas de figurinos e confusão de vozes causando mares volumosos de gargalhadas nos espectadores; fora sem dúvida a melhor apresentação daquele espetáculo e da própria companhia. Ah, já ia me esquecendo que o padre frequentava festas de candomblé e lá recebia o Exu do orixá de seu avô, cujos assentamentos ele cuidava com amor e dedicação. Isso foi invenção de Acalanto, que levava sua vida pessoal para a cena.

Voltando: Debalde tentaram esquecer do amigo morto poucos minutos antes da apresentação começar. Acalanto gritava impropérios. Impropérios não, gritava os palavrões mais escabroso, que Eduardo merecia duas rolas enfiadas no cu, coisas do tipo. Ficaram petrificados com a notícia. Então daquela vez e para sempre Godot não viria, era a partir dali transumano. Então, como o espetáculo não pode parar, improvisaram aquela baderna de substituições e trocas de

indumentárias e a plateia sorveu como um copo de água fresca em dia de calor escaldante. O chapéu foi gordo.

Com os bolsos cheios da plateia generosa, gastaram um quarto com cachaça da boa e fumo dos melhores; Acalanto não gostava que Rosildo enrolasse a erva, dizia que ficava parecendo um abará. Então Acalanto fazia tudo direitinho, parecia que os cigarros tinham sido feitos em fábrica. Agora cheios de ressaca, foram em busca de Geraldine. Geraldine era a personagem viva de Vivaldo. Esse nome Vivaldo era em homenagem a Vivaldi, o famoso compositor. O pai de Vivaldo era maestro de uma pequena orquestra do interior. Mas Vivaldo não quis a música, preferia o teatro e seus dramas. Agora Vivaldo, o diretor da companhia, estava afastado por causa da doença do grande amor, Eduardo, e por causa disso criara uma forma de protesto contra a doença e a morte: andava vestido de mulher. Criara a personagem Geraldine e assim se apresentava a todos, de vestido e bigode. Vivaldo sentia tanta dor com a iminente perda do grande amor que não sabia extravasar aquele nefasto sentimento, morrendo em vida e dando fôlego a uma outra pessoa, uma mulher, para continuar respirando. O primeiro impulso fora o de tentar ofender os mais conservadores da sociedade. E ainda por cima mudara-se de repente, sem deixar o novo endereço para os amigos. A única pista era um vendedor de pipoca que vagava pelo centro da cidade. Tinham pouco tempo, em menos de quatro horas aconteceria o enterro. Acontece que era dia, ficava difícil a troca de roupa na praia da Barra, com tanta gente chegando. Principalmente idosos e instrutores de natação. Confesso que estou um pouco perdido. Parei um pouco para me refazer e reler essa narrativa.

Acalanto e Rosildo andaram pela cidade, que amanhecia; os trabalhadores agora punham os pés na rua para a labuta diária. E olhavam espantados para aquelas duas figuras, homens feitos, vestidos de mulher. Vez ou outra Acalanto pergunta um "que foi, nunca viu?" a



um transeunte mais ousado que intentava um gracejo infame. O centro da cidade era grande, muitos trabalhadores do comércio ambulante trabalhavam ali. Vendedores de roupa, bijuterias, pastel, sonho, bilhetes de apostas, ouro e prata, rábulas de todo tipo, trambiqueiros, idosos indo fazer exames periódicos, putas e gigolôs. Como encontrar ali um pipoqueiro sem a menor referência? Sabiam apenas que usava um chapéu. Grande detalhe!, usar chapéu numa cidade de sol de dezembro a dezembro! Depois de perguntar a uma dezena de passantes e porteiros de edifícios de luxo e outros decadentes, decidiram parar para descansar. Rosildo lembrou que ainda tinha uns goles da cachaça da noite anterior. Enquanto bebiam, Acalanto lembrou-se de um diálogo com Geraldine, numa pausa do último ensaio.

Geraldine engolia o choro como uma criança engole um remédio amargo. As palavras saíam em breves espaços, uma pancada como ondas num rochedo. Impotente, Acalanto erguia a cabeça e baixava em seguida, sem conseguir fitar o amigo. Rosildo, o fraco, chorava com a face enterrada nas mãos. Agora a gente finge que vive nas personagens meu amigo, disse Acalanto abraçando o amigo. Ergueu-se bruscamente, chamou o amigo dizendo vamos, é tempo de encontrar logo esse cidadão. Nosso amigo não pode ficar sem despedida decente. E caminharam subindo uma ladeira, perguntando aqui e ali, mas ninguém sabia informar. Foi um mendigo que por acaso escutou uma triste discussão dos dois, que já não aguentavam mais e começaram a se atracar pelo chão numa briga patética, o mendigo avisara que sabia de um vendedor de pipoca doce e salgada que fazia ponto na frente do colégio Central. O mendigo ficou com o último gole de cachaça, não deixando de dividi-lo com o dono da rua.

O pipoqueiro, velho machista que soca a pipoca no pacote olhando os atributos das freguesas, olhava atônito e embasbacado para os dois, sujos, maltrapilhos, parecendo loucos a pedir-lhe informação

sobre o paradeiro de Geraldine. Na despedida, Rosildo ainda estendeu a mão para agradecer, mas o pipoqueiro fez que não viu e voltou a encher os sacos. Não usava chapéu, usava um boné do Esporte Clube Ipiranga, mas o amarelo e preto do tecido estava desbotado. O pipoqueiro informara aos dois que Geraldine morava na Mouraria, saindo de uma praça que fora monopolizada por um quartel. Uma casa branca e verde.

Quando bateram na porta Geraldine demorou em atender. Acalanto pensou em ir embora, talvez Geraldine não morasse ali ou tivesse partido e sumido no mundo de tanto desgosto. Rosildo bateu mais uma vez e com mais força. Ouviram passos e um chinelo arrastando pelo assoalho. Era Geraldine. De cara fechada, cabelo liso e sem maquiagem. A barba ainda por fazer. Eu sabia que vocês viriam, vocês são uma praga em minha vida, disse dando as costas e deixando a porta aberta. A notícia não poderia ter sido mais direta. Acalanto começou e Rosildo emendou. Lá fora alguém passava vendendo beiju, pamonha e milho. Acalanto esqueceu-se do morto e do amigo desolado e por dois segundos e meio pensou na pamonha deliciosa enrolada na folha de bananeira. O pensamento que dera água na boca foi interrompido por Geraldine. Esperem aqui, disse impassível, dando as costas. Entrou no quarto e deixou a porta entreaberta. Rosildo e Acalanto não tiveram coragem de ir atrás do amigo. Pensaram que ele faria um escândalo, ou que desmaiaria ao saber da morte da pessoa amada.

Geraldine demorou no quarto.

Teria se matado?, pensou Acalanto. Será que desmaiou e a gente nem percebeu?, pensou Rosildo erguendo-se. Passaram-se mais de vinte minutos os dois ali sentados no sofá velho, naquela aflição. Aquele silêncio medonho que era quebrado vez ou outra por um carro que passava na rua. Vou lá ver o que aconteceu, falou Acalanto

erguendo-se. Foi quando Geraldine retornou. Arrumada, cabelo penteado, um coque no alto da cabeça, maquiagem, barba feita. Vestido preto. E os outros dois ali, grotescamente metidos no figurino da peça cômica. Eu já esperava, disse Geraldine. A gente queria muito que você fosse se despedir, disse Acalanto de cabeça baixa. Nós trabalhamos em tantos espetáculos, foram tantas aventuras, sucessos, fracassos, só a gente sabe, disse Rosildo chorando. Engula esse choro, deixe pra depois, respondeu Geraldine indicando a porta da saída.

Chovia.

O cemitério estava vazio. O mormaço sufocava o trio de travestis. Quando viu aquelas três figuras entrando no cubículo onde estava o caixão, a irmã de Eduardo deu as costas. A sobrinha olhou para os três de cima para baixo. Depois continuou olhando-os por cima, afinal de contas ela era dona da verdade e do seu deus inventado. Não permaneceram mais do que meia hora. Os coveiros chegaram com pressa, naquela displicência e fastio de quem enterrara centenas de pessoas e já não se comoviam com mais nada. Geraldine preferiu não olhar o morto. Olhou de soslaio, pouco antes de fecharem o caixão. Teve tempo de pousar sua mão nas mãos frias de Eduardo, que não estava mais ali. Era apenas uma coisa fria e sem brilho. Por um segundo ocorreu em Geraldine a lembrança de quando comeram cachorro quente depois de uma apresentação no subúrbio da cidade. Era uma apresentação em tempos de campanha eleitoral. Receberam da situação e da oposição. Fizeram cenas para ambos os candidatos. Um metendo o pau no outro com a linguagem metafórica do teatro.

Acontece que o título dessa modesta narrativa, desse pobre punhado de palavras trata de um defunto nu. Ora, aqui temos um defunto. Mas olhando de qualquer ângulo da pequena sala qualquer pessoa perceberia que o morto estava vestido. Muito bem vestido, diga-se de

passagem, como teria notado Acalanto. Mas o último pedido do falecido era ser enterrado como veio ao mundo: completamente nu. Pois sempre que podia tirava as roupas. Em casa recebia os amigos sempre nu, com um copinho de cachaça da boa ou um charuto pelo meio. Nos bastidores das peças andava para lá e para cá com a rola mediana e grossa horrorizando quem não estava acostumado com a cena. Os amigos costumavam desdenhar da cena: tem mais saco que rola! O futuro morto não estava nem aí. Dizia sempre: quando morrer, quero ser enterrado nu. Acontece que sua parentada não sabia de seus pedidos e vontades, aliás, não sabia de nada de sua vida. Além de artista, um pederasta!, dizia um tio na repartição pública em que trabalhava. Salvador inteira deve olhar em nossa cara e gargalhar por nossas costas, resmungava.

Não se esqueça, quero ser enterrado nu, você me promete? implorou o morto bêbado a Acalanto igualmente bêbado.

Não, não posso deixar que ele se vá vestido, disse para os outros dois. Rosildo, que sabia da promessa de Acalanto e da vontade do morto, dava uma de João-sem-braço, não queria imaginar como despir o defunto. Geraldine muito menos, estava de cabeça baixa o tempo inteiro. A irmã de Eduardo retornou, estava acertando a papelada; queria um desfecho o mais breve possível. Respirava fundo e se abanava. Sempre que podia retirava da bolsa um lenço branco e passava pela testa. A menina a seu lado parecia mais morta que viva. Será que fodia?, pensou Rosildo muito rapidamente, abafando seus pensamentos sexuais em detrimento do momento de dor e espanto diante da morte. Por que tanto espanto diante do mais comum e inevitável?

Esqueça isso, deixe isso pra lá, advertiu um Geraldine desesperado e desiludido. Não podemos, era nosso amigo e eu fiz uma promessa pra

ele, você sabe disso. As duas ali paradas olhavam os três cochichando e não davam bola. Os coveiros tinham saído, foram resolver alguma coisa em outra quadra; parece que deixaram uma cova descoberta. O calor fritava os miolos e deixava as pessoas doidas.

Foi quando as duas tomaram o maior susto. E começaram a dizer frases de efeito de sua teologia pentecostal. Chegara a *Yansan* de Rosildo. *Eparrei Oyá!*, gritou Acalanto. Eu sabia que a senhora não iria deixar a gente na mão. Sua bênção minha mãe, acudiu Geraldine. Ao entender que era um orixá ali na cabeça do gordo Rosildo, com as mãos pra trás e respiração ofegante, a irmã de Eduardo desmaiou e a sobrinha saiu correndo fazendo o velho sinal da cruz. Oxente, mas ela não era protestante? História que não se entende. Vai tentar compreender esse povo...

Nunca mais faça isso, disse Acalanto.

Eu tive que improvisar na hora, quase me caguei de susto seu miserável, sussurrou Geraldine puxando Rosildo pela orelha.

Quem é do axé aqui sou eu! Se minha *Yansan* não veio, quem é você pra fingir que está recebendo a santa?, berrou Acalanto puxando a outra orelha do gordo Rosildo. Sua imitação da santa ficou péssima, nesse corpo de barril de pinga!

Não tive outra ideia na hora, foi por nosso amigo. Vamos, vamos tirar a roupa dele, respondeu Rosildo banhado em suor e sentindo o gostinho das velhas representações de rua e dos improvisos inimagináveis que fizera em mais de trinta anos de profissão. A cena se tornara mais bizarra devido aos trajes que usavam. Então abriram o caixão, levantaram o morto. Geraldine afastou-se; a emoção explodiu em seu peito e seus olhos se turvaram de lágrimas. Os outros dois não pararam pra pensar. Despiram Eduardo. Olha que coisa horrível, a rola continua

do mesmo jeito, disse Acalanto. Eu pensava que encolhia quando a pessoa batia as botas, disse Rosildo olhando mais de perto. Ficaram na dúvida sobre onde colocariam calça, camisa, paletó, gravata e sapato do defunto. Ouviram passos. Fecharam o caixão na velocidade de um raio. Chegaram os coveiros. Olharam para Geraldine, sentado em um canto, gemendo. Olharam para a irmã de Eduardo noutro canto, desmaiada. É, pessoal, é sempre assim, muita emoção, disse um dos coveiros apagando um cigarro na sola da bota de borracha. O senhor se sente bem?, perguntou o coveiro mais novo. Sim, mas toda vez que me emociono fico cheio de gases e minha barriga estufa, respondeu Geraldine mostrando a enorme barriga. Coitado de nosso amigo, quem vê até pensa que é barriga de grávida, disse Rosildo sacaneando, passando as mãos na falsa barriga de Geraldine.

E foi assim o sepultamento. A irmã do morto ficou lá sentada. Quando acordou já era quase noite. Os dois coveiros aceitaram carregar o caixão em troca de uma garrafa de cachaça do interior que Acalanto levara na sacola. Geraldine já não chorava. Com uma mão segurava a alça e com a outra a barriga de trajes de defunto. O cemitério estava deserto. Parecia que se fechara para receber apenas o artista em seu derradeiro espetáculo. Com a primeira pá de terra que caíra sobre o caixão, os amigos de Eduardo começaram a chorar. Um dos coveiros ouvia música por um fone de ouvido. Estava feito. No fim do dia os atores estavam na Ribeira. A praia deserta; o sol desenhava uma nesga alaranjada no horizonte. Bebiam cachaça, sorriam, jogavam água para cima. Banhavam-se nas águas calmas daquele mar da Baía de Todos os Santos.

Como o defunto, eles estavam nus.

## SOPRO DE VIDA

Precisava se encontrar novamente. Sentia-se perdida em meio a tantos devaneios e arrependimentos. A loucura sempre fora uma possibilidade, ou até mesmo um sono infinito. Dormir e esquecer eram as melhores coisas que poderiam acontecer naqueles dias. Queria esquecer a dor mais profunda. Sua única saída era a rua; era ver o mundo e as gentes; era caminhar para tentar explodir a grande dor. Nos cruzamentos e nas calçadas ela parecia falar sozinha repetindo a explicação que queria dar, o pedido de desculpas, a ausência dos telefonemas, as ausências físicas, as palavras desconfortáveis. O sol parecia não atingi-la; o vento era uma agressão. Quem eram aquelas pessoas, meu Deus? A divindade era sempre uma possibilidade em qualquer momento. Se pudesse amaria a todos os homens ao redor só para se sentir amada também. Amada e desejada. Mas naquele momento era a ignorada. Haveria castigo maior? Pegava a estrada reta que parecia nunca ter fim. A estrada sem fim. As batidas de seu coração; os pés agora descalços; as lojas que acabaram de abrir; o banco da praça.

Sentou-se para olhar o nada; afinal de contas a dor a perseguira até ali e ela estava exausta. Sua boca estava seca e seu nariz ardia como se tivessem posto pimenta ali. Sorriu rapidamente com a imagem da pimenta no nariz. Olhou para os lados para ver se alguém percebeu que ela sorriu sozinha. Está louca? Mas só os loucos podem rir sozinhos? Lembrou-se de quando era criança e comera um pedaço de pimenta e a sensação de torpor que teve. Sua mãe veio ao seu auxílio com água e uma colherinha de açúcar. Toma, vai adoçar a boca e passar o ardido da

pimenta. Sorriu novamente. Tentou esquecer da dor e do coração arfante. Passou a língua nos lábios. Uma criança brincava de patins; os pais a seguravam pela cintura. Era uma menina branca de cabelos crespos, quase loiros. Estava divertida, banhada de suor e alegria. A mulher sorriu sem abrir os lábios e respirou fundo pelo susto mínimo que teve ao ver a alegria ali em sua frente. Num instante a menina se desequilibrou. A mãe pediu a bolsa que o marido segurava. Marido, amante, irmão, namorado, amigo? Que o homem segurava; pegou dinheiro para comprar pipoca e nessa diminuta distração a menina se desequilibrara e foi com o corpo ao chão. Um tombo pequeno, mas suficiente para ferir os joelhos.

Criança com joelho ferido é a coisa mais normal do mundo, pensou esboçando um leve sorriso. Virou-se para não parecer que estava tomando nota da vida dos outros. Olhou para baixo e entendeu de onde vinha o cheiro ruim que sentia. É que estava entorpecida, com a boca seca, sem sentir cheiros e sentimentos outros que não fossem sua dor. O cheiro surgiu quando sorriu com a imagem da menina brincando; parece que sorrir era a chave para sentir outras coisas e fazer perceber que havia um corpo ali. O dela e o dele. Era um rato grande; morrera de olhos abertos e estavam opacos; cinzas. Sentiu-se atemorizada. Estava morto. Por isso. Vivo não lhe faria mal algum. Estava acostumada com bichos de toda sorte porque vivera na roça. O rato morrera assustado, pensou. Não conseguira distinguir se era macho ou fêmea, morrera de bruços. A boca estava um pouco aberta, dava para ver os dentes grandes da frente, típico dos roedores. Os pelos das patas eram lisos. Estava gordo, inchado. Morrera buscando alimento? Tentava fugir de algum predador? Ou fora envenenado pela administração do parque? Ou havia simplesmente terminado seu tempo e chegado a sua hora? Pois tudo que vive, vive para morrer; e esse lapso que se chama vida não deveria ser plena e cheia de aventuras como a de um rato?



Estava espantada porque percebia que não conseguia se distanciar, virar o rosto, sair dali. Ouvia o sorriso alegre e escandaloso da criança, viva, cheia de alegria com seus patins, o vento forte na face molhada de suor; via a imagem daquele animal e lembrou-se que era um mamífero como ela. Que não tinha filhos. O tempo passou e ela não teve filhos. Pensou em enterrar o animal morto. Sentia pequena náusea com o cheiro cada vez mais forte. Era como se o cadáver estivesse se aproximando cada vez mais para abraça-la. Queria levantar-se, estava em pânico, não queria ver mais uma das inúmeras faces da morte. Queria a vida e poder amar. Para isso estava fugindo, para esquecer a dor de saber que fora trocada; naquela altura de sua vida nunca houvera experimentado aquele sentimento. Era como uma droga forte impregnada em seu corpo. Precisava se livrar do efeito senão sua cabeça iria explodir. Seus olhos choravam a todo instante. Estava cansada de sentir dor. E tudo o que queria era vida. Agora se deparava com a morte. Com seus cheiro ruim e seus olhos cinzas e opacos. E tudo agora era assim: cinza e opaco. O rato morto parecia olhar para ela. Parecia um convite. Para deitarem juntos e sentir o chão úmido com grama alta. Sentiu vontade de se entregar. Quem poderia ajuda-la? Deus, pensou por um breve instante. Queria segurar em Suas mãos ou nas mãos de alguém que ele pudesse enviar. Aproximou-se mais do rato morto inclinando o tronco para a frente. Como era ser um rato, uma criatura cujo corpo causa tanta repugnância? Lembrou-se que beijara um morto anos atrás: era um tio que morrera atropelado. Os olhos estavam bem fechados. Mas a boca expressava dor. Sua mãe a carregara até o caixão, pois era muito nova e não alcançava o rosto do morto. Foi uma surpresa enorme ver o tio deitado ali em definitivo. Viu a mãe levantar o fino tecido que cobria o cadáver e beijar-lhe a boca, em prantos. Estava acostumada a ver a mãe em prantos, pois seu pai a abandonara cedo por causa de bebidas e outras mulheres. A mãe disse para se despedir do morto, que lhe desse um beijo. E ela assim o fez,

tendo a sensação de estar beijando um pedaço de mármore frio. Agora imaginava se erra assim o rato: se tinha um corpo frio. Se sua boca era tão aterrorizante como a do tio morto. Inclinou-se mais um pouco; nesse momento sentiu uma forte pancada: a menina dos patins se esbarrara contra ela. E ela acordou. Voltou-se rapidamente e a criança estava espantada, o brilho e o medo nos olhos. Não sabia o que dizer.

O rosto da mulher estava salpicado de suor. Seu braço também, porque a menina praticamente juntou todo o seu corpo ao dela. Naquele momento percebeu que a menina tinha sardas e um olho cinza, parecia enxergar apenas por um. Sentiu que o hálito da criança era de tutti-frutti; Lembrou que tinha na bolsa uma caixa com chicletes. O homem que ela amava e que a abandonara gostava de mascar chicletes; ambos mascavam juntos nas horinhas de amor tranquilo de mãos dadas pelas ruas. Desculpa moça, disse a menina. Você se machucou? Não. Quer chiclete?

Quero.

A criança sorriu e olhou para o joelho arranhado; olhou com o olho que não cinza, mas castanho; fez uma cara feia. Isso passa, disse a mulher. Onde estão seus pais? Estão do outro lado da estátua. A estátua era o monumento de um caboclo de cocar matando um dragão com uma lança. Vou te levar até eles, vamos. A ergueu-se balançando a cabeça e mascando o chiclete com a avidez das crianças. Como a avidez tranquila da vida. Foram devagar. A menina pegou nas mãos da mulher, que se espantou. Parecia conduzi-la. Parecia que a dor de amar ia ficando para trás, que tinha se deitado com o rato morto. O toque delicado e molhado das mãos da menina titubeando nos patins e mascando chiclete era como um novo sopro de vida.

# AMOR

Bocejou e lembrou-se das coisas por fazer. O cérebro estava acordado havia mais de três horas. Tinha evitado abrir os olhos, porque aí sim teria acordado de verdade. Suspirou fundo, alongou-se, olhou para o céu azul, muito azul, recortado pela janela de madeira nova. Tudo ali era novo e velho. A reforma da casa terminara havia duas semanas e ele já estava cansado de tudo aquilo: a decoração, a cor da tinta sobre as paredes, os ladrilhos, o box do banheiro, a tampa do vaso, as cortinas, os vasos sem plantas.

Era isso.

Precisava de plantas.

Não gostava de plantas.

Mas era preciso ter plantas em casa para aliviar a aridez daquele ambiente de pedra e cores quentes. Levantou-se. Caminhou nu até a porta e pegou o jornal. Da janela pôde ver as casas dos vizinhos. Que ainda dormiam ou tinham ido trabalhar. Fazia silêncio. Passava das nove horas. Naquelas poucas semanas que estava ali tinha se afeiçoado à vizinhança. Todos sempre acenavam para ele e cumprimentavam com um gesto de cabeça. Não sabia o nome de ninguém e ninguém sabia o dele. Apenas uma mulher o chamava de vizinho e nada mais. Ouvia ocasionalmente choro de uma criança. Não sabia precisar se menino ou menina. Tomou banho frio, vestiu uma roupa limpa.

O mercado estava cheio; aliás, minto, não estava muito cheio, mas a necessidade de ser atendido imediatamente o fazia sempre

reclamar que tinha gente demais nas filas. Quando a moça disse próximo ele imaginou como levaria aquilo até sua casa morro acima. Muito peso, em especial por causa das garrafas de sua cerveja preferida. Foi quando avistou o menino e imaginou que se tratasse de um carregador. O chamou de imediato. Você está aqui carregando compras? O menino disse que sim. No caminho perguntou a idade do carregador, que afirmou ter doze anos, mas aparentava mais, pelo corpo forte. Ele achou um absurdo imenso uma criança trabalhando, carregando compras dos outros na porta do mercado a troco de migalhas. Fosse muito dinheiro! Deveria estar na escola e depois brincando com os amigos, pensou diversas vezes não disfarçando sua indignação. O senhor poderia me dar um pouco de água? Perguntou o menino limpando o suor da testa. Ele se afastou porque pensou que o menino fosse jogar o suor no chão, que salpicaria nele, ele tem nojo de suor, anda sempre com uma pequena toalha no bolso. Mas não, o menino limpou o suor com as costas das mãos e limpou no calção puído. O menino sorveu do copo rapidamente e limpou a boca molhada com as costas da mão direita. Entregou ao garoto alguns trocados, que agradeceu já de costas.

Agora sempre que passava pela frente do mercado o garoto olhava para ele e sorria. Ele acenava. Mas sempre distraído, nunca pensava na hipótese de o menino pedir-lhe algum favor, mesmo carregar as compras. A segunda vez foram duas sacolas molhadas. Era o frango congelado que se desfazia ali no calor. Imaginou que a qualquer momento os bichos saltariam das sacolas para beber água, abafados que estavam. Sorriu. Achou graça de alguma coisa?, perguntou o menino. Não, lembrei de uma coisa engraçada. Foi? Foi sim. Imaginei que os frangos que estão aí congelados poderiam saltar pra se refrescar, porque está fazendo muito calor. Que maluquice

pensar isso, as galinhas estão mortas, nem tem cabeça! Daqui a pouco vão pra panela.

Ele sorriu novamente. Se divertia com seus próprios devaneios. Encostado à porta, o menino pediu água novamente. Ele notou que seus lábios estavam sempre ressecados. Lembrou da areia dos desertos e da terra rachada do sertão nordestino castigado pela seca. Havia uma ferida no canto esquerdo da boca. Você precisa beber mais água, falou e o menino pôs a mão na boca, parecia saber do que o outro estava falando. Em seguida molhou o lábio inferior com a língua. Quer comer alguma coisa? Quero sim, estou com fome.

Entrou e sentou-se. É seu santo?, perguntou o garoto apontando para uma imagem da Cabocla Jurema. É sim. Na verdade é uma representação dela. Sou filho de Lógunède. Jurema é uma cabocla que eu recebo também em minha roça, quando tem festa. Ela é graciosa, meiga, dá muitos conselhos ao povo que vai ao terreiro. O menino ficou quieto olhando as coisas ao redor: a estante com livros, os abajures prateados, três plantas, o computador, um aparelho de som, um único quadro na parede com o retrato de uma mulher. É minha noiva, vou dizendo antes que você pergunte. Ela está no em Tocantins a trabalho. É professora?, indagou o rapaz. Como você sabe?, falou espantado. Não sei, ela parece professora. Ensina na universidade e foi chamada para acompanhar um trabalho por lá. Mas seus pais, onde vivem? Meu pai está desempregado e minha mãe trabalha numa loja de brinquedos. Você estuda? Sim, pela tarde, mas a greve ainda não terminou. O homem lembrou da greve dos professores, que penavam por um aumento de salário e do subsídio para alimentação. O governo estava dando pouca importância para as reivindicações dos trabalhadores, dizendo que estava posta a mesa de negociações. A imprensa alardeava que a greve estava atrapalhando o cotidiano da cidade, que as mães não tinham com quem deixar os filhos, pondo a cidade inteira contra os

professores. O menino não entendia nada daquilo; gostava da greve porque tinha como dormir até mais tarde, passar mais tempo indo à praia e para brincar de gude ou empinar arraia. O dinheiro parco que ganhava carregando compras na frente do mercado servia para comprar sonhos e geladinhos.

O menino comeu com pressa o pastel de carne que o homem colocara sobre a mesa em um pires branco com detalhes de flores em alto relevo – lembrança a avó materna. Saiu apressado, agradecido, limpando a boca com as costas das mãos. O homem agradeceu, deu bom dia ao vizinho que passava à porta e entrou. Eram dias quentes. O sol a pino se aproximava. A galinha antes congelada agora suave sobre a pia da cozinha. Ele não lembrara das folhas que deveria ter comprado para o banho que planejava. Gostava dos banhos com ervas. Era um alento para sua mente inquieta e sua ansiedade constante.

O terceiro encontro vinha com a completude: o menino foi até a sua porta. Ele havia acabado de acordar. Enrolou-se num lençol e abriu a porta: o sol espetou seus olhos com violência. Vim tomar café, tem pão aí?, perguntou o menino com cara de faminto. Tem, ele respondeu meio impaciente. Isso é hora de acordar os outros? Devia avisar a seus pais que está aqui. E preparou café, suco, fritou ovos e lavou três maçãs. Comeram. As galinhas da vizinha alarmaram-se. As batidas em sua porta foram com força. Ele abriu assustado. Vestia bermuda jeans e camiseta branca. Foi arrancado para fora de casa. Uma multidão de doze, quinze pessoas se amontoava à sua porta. Mas o que foi minha mãe, perguntou o menino. Vá para casa, disse a mulher possessa. Ele continuava calado, não entendia nada. Assombrado, ajeitava a camisa que estava meio rasgada. O sol espetava as vistas, o suor contribuía para a visão turva. O menino correu para casa, num misto de susto e culpa. Antes, parou atrás de um poste. O vizinho que dera bom dia no dia anterior deu-lhe um chute nas costas, ele caiu sobre um monte de

terra, mal deu tempo de se defender. A mãe do garoto bateu em sua cabeça com um pedaço de pau que segurava o velho e enferrujado portão do vizinho. O homem que ele achava que era um religioso protestante atirou-lhe uma pedra, que lhe alcançou a testa. Com isso ele desmaiou. De longe o menino não entendia o que acontecia, mas supunha: seu amigo estava morto. A camisa do homem estava cingida de vermelho brilhante. Imoral e pervertido, dizia a mãe do garoto, que respirava fundo, assustado. Não se atentava da vida e da morte. Que ambas caminhavam lado a lado. Agora sabia. Que estava vivo e que poderia morrer. Passou a língua sobre os lábios ressecados. Não poderia mais pedir água a seu amigo. Alguém chamou a polícia. Não se via a cara do morto: estava enterrada no monte de terra. Tivera tempo de saber o motivo de sua morte? Nem o menino saberia. Só ouvia as pessoas que supunha de bem, gritarem pervertido, imoral, depravado e que isso não se faz com crianças. Agora entendia da vida e da morte. Da amizade e da solidão. Mas não entendia do que reclamavam. O que o homem teria feito a ele? Sentiu culpa por ter bebido água e naquele dia ter tomado um gole de café e comido pão com ovos e um pedaço de maçã. Por tempos acreditaria que a hospitalidade era um crime e a amizade um pecado mortal.

Na calada da noite entrou na casa do amigo morto. Pegou para si a imagem da Cabocla Jurema. Notou que ela tinha um olhar compungido e doce. Guardou-a debaixo da camisa puída.

Era agora seu amor, sua amiga inseparável.

**UARLEN BECKER é escritor e artista de teatro. Nasceu em Salvador,  
Bahia, em 1976.**



